

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM NOS CH@TS: O “INTERNETÊS” NUMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Ana Cláudia Guimarães Vieira Silva*
Lucas Santos Campos**

RESUMO:

A comunicação vem passando, ao longo dos tempos, por um grande processo de evolução, fato que possibilita um maior intercâmbio entre os indivíduos. Hoje, grandes avanços se dão principalmente devido às tecnologias de informação. Em meio a essas inovações, surgem, a cada instante, gêneros textuais que se adequam às necessidades comunicativas; isso exige de cada um de nós a atualização e acompanhamento dessas mudanças, além da adesão ao processo de letramento digital. *Blogs, sites, chats, “fóruns”, e-mails*, entre outros, são os mais novos meios de interação da contemporaneidade. A linguagem utilizada nesses tipos de gêneros, que se tornou conhecida como “Internetês”, caracteriza-se por conter códigos e é bastante utilizada por jovens, que buscam inovar suas formas de comunicação. Este trabalho visa à análise e compreensão do “Internetês” no ambiente do chat. Através de uma abordagem funcionalista, buscamos identificar e interpretar as funções da linguagem presentes nesse ambiente de comunicação virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Chat. Comunicação. Funcionalismo. Gêneros textuais. “Internetês”.

Introdução

A essência da vida humana é a comunicação. Ela é imprescindível, pois através dos processos comunicativos os seres humanos trocam informações, expondo sentimentos, emoções e, juntos, constroem seu universo cultural. A comunicação, ao longo dos tempos, foi se aperfeiçoando e tornando-se cada vez mais complexa, tendo como característica a integração das diversas formas de linguagem, facilitando assim, a vida das pessoas nas mais diversas áreas do conhecimento. Na contemporaneidade, surgem novas formas de interação das quais emanam novos códigos e novos gêneros textuais. Como tudo que é inovador, essa dinâmica comunicativa vem causando grandes preocupações para pais, educadores e professores de língua portuguesa. Entramos nesse debate com o objetivo de demonstrar que o usuário da língua molda os códigos em conformidade com suas necessidades comunicativas.

Em meio à proliferação de recursos comunicativos está o chat que funciona como uma grande “sala virtual” onde pessoas trocam mensagens escritas. A linguagem desse tipo de gênero textual tem

* Graduada no Curso de Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Pós-graduanda do Curso de Especialização em Teorias e Métodos de Língua Portuguesa da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

** Professor Adjunto da UESB. Doutor em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-doutoramento em Funcionalismo Linguístico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

traços de oralidade, através dos quais os envolvidos trocam informações instantâneas e buscam expressar-se de forma interativa e informal. Como já vimos, essa linguagem, amplamente utilizada por jovens, que alteram a forma tradicional de escrever para se comunicar, tornou-se conhecida como “Internetês”. Nela, para suprir a ausência do contato direto, os interlocutores fazem uso de recursos extralinguísticos para facilitar a interação nos chats.

A comunicação

A vida humana é um processo contínuo de comunicação. Esse é o canal pelo qual a cultura é transmitida em cada sociedade, constituindo-se uma das necessidades básicas da pessoa humana, do homem social. Enfim, como afirma Pereira (2001, p. 9), “a comunicação é o processo social primário, porque é ela que torna possível a própria vida em sociedade e realiza todo intercâmbio entre os seres humanos”.

A habilidade de se comunicar através de uma linguagem é inerente à espécie humana. Todos os seres humanos aprendem uma língua, e, nesse sentido, nenhuma outra espécie animal, nem mesmo as tidas como inteligentes, consegue elaborar conjuntos de códigos comunicativos que se compare com o dos seres humanos, como afirma Herder (1987 apud ARRUDA, 2010, p. 1):

Estes [os animais] não podem jamais desenvolver o complexo sistema de comunicação e de significação, que é um produto do processo histórico. Precisamente porque os homens vivem no universo histórico, e não no meramente natural, é preciso algo mais do que o instinto animal. O homem rodeado de objetos históricos, que são sua própria criação, necessita da inteligência e da reflexão, sem as quais não haveria a percepção, nem o desdobramento desse mesmo mundo histórico.

Mergulhado no mundo da linguagem, em suas mais diversas formas de manifestação, o ser humano nasce preparado para aprender tudo o que é pertinente à cultura da qual ele faz parte. Aos poucos, o indivíduo começa a entender o mundo à sua volta e tem como alicerce o nome dos seres em geral e assim, aos poucos, seu pensamento vai assimilando e construindo uma espécie de biblioteca onde se “deposita” tudo o que é ouvido para, posteriormente, ser expresso pela fala. Nessa perspectiva, Chomsky (1965) aponta que a criança tem um dispositivo de aquisição da linguagem inato que é ativado em contato com a língua: O indivíduo nasce com as capacidades inatas para adquirir a linguagem. Isto quer dizer que existem universais linguísticos e cognitivos inerentes a todos os indivíduos e cabe ao meio estimular esse potencial, já existente.

Desse modo, os indivíduos da espécie humana adquirem e aprimoram a linguagem só pelo fato de estarem expostos às várias formas de comunicação existentes nos grupos dos quais fazem parte, através dos mais variados meios de comunicação como: a fala, os gestos, sinais, telefonemas, cartas, e-mails, home pages, códigos, esculturas, fotografias, pinturas, dentre vários outros.

Segundo Bordenave (2004, p. 41), “a comunicação se realiza de forma multifacética, visto que ocorre ao mesmo tempo em vários níveis [...], como parte orgânica do dinâmico processo da própria vida”. Pode-se perceber então o grande poder de “mutação” que a comunicação possui, sendo a mesma subordinada aos homens, os quais a moldam de acordo com a necessidade de cada época e de cada situação que vivencia.

Ao longo dos tempos, muitos estudiosos buscaram explicar a origem da linguagem, iniciada pela comunicação muda entre os homens primitivos, passando pela atribuição de sentidos e interpretação de gestos e grunhidos, até chegar aos complexos sistemas linguísticos atuais. Esses questionamentos se justificam pela importância que a mesma exerce em todas as manifestações humanas. Teorias afirmam que a linguagem foi criada pelos homens de forma espontânea e natural. Assim, de forma gradativa, o ser humano começou a possuir a capacidade de comunicar. Aos poucos, de acordo com a necessidade e influência do meio, a linguagem humana foi se tornando cada vez mais complexa.

Segundo Freitas (2005, p. 11):

A sociedade humana primeiramente se formou com ajuda do discurso oral. Só mais tarde tornou-se letrada, mas não em sua totalidade. Foi um processo que aconteceu de forma diferente e em épocas diferentes para os diversos grupos humanos.

Os nossos ancestrais se comunicavam como os outros animais, através de expressões, gestos, posturas, vocalizações. A partir da evolução biológica e experiências sociais, os primatas desenvolveram um múltiplo repertório comunicativo não-verbal como os sorrisos, caretas, rosnados, expressões faciais, olhares, gritos e gestos para demonstrar sentimentos e emoções que partilhavam a partir do convívio com os outros animais. O primeiro grande salto na comunicação humana e que diferenciou o homem das demais espécies foi a aquisição da linguagem verbal. O homem começou a combinar sons para nomear objetos, pessoas e ações, tornando possível assim uma troca mais intensa e eficiente de informações.

Mais tarde, iniciou-se o registro de linguagens verbais com a utilização das impressões simbólicas. A arte rupestre foi uma das primeiras formas que o ser humano encontrou para deixar seus vestígios, com a representação típica de cenas do cotidiano. As formas escritas propriamente ditas foram feitas a partir dos hieróglifos e o sistema cuneiforme. Essas formas de escrita consistiam na utilização de imagens para representar objetos concretos e ideias abstratas. Segundo Pereira (2001) essas impressões datam de 15 mil anos. O alfabeto foi sendo desenvolvido aos poucos, primeiramente com os símbolos das consoantes e, posteriormente, das vogais, possibilitando enfim, a formação de palavras e frases significativas, expondo ideias e sentimentos, como afirma Pereira (2001, p. 23):

O alfabeto tal como conhecemos hoje [...] foi inventado pelos egípcios e adotado pelos fenícios por volta de 1.300 a.C. que o levaram para a Grécia, mas de início só possuía os símbolos das consoantes. Coube aos gregos, cerca de 900 a.C., acrescentar-lhe as letras correspondentes às vogais e criarem o primeiro exemplo histórico de escrita fonética.

Essa evolução da comunicação ao longo do tempo tem como característica a cumulação e integração das diversas formas de comunicação. Esses estágios se completam, se apoiam uns nos outros, se influenciam mutuamente e se conectam, formando o complexo sistema comunicativo eficiente utilizado hoje. Neste processo, o ser humano foi mudando aos poucos as condições do próprio habitat em seu benefício. Essa capacidade ajudou o ser humano, aos poucos, a criar naturalmente os elementos da cultura, constituindo a civilização, que, por sua vez, passou a moldá-lo, como sugere Novelli (2008, p. 1),

a língua é um dos primeiros traços de identificação da humanidade no homem. Ao se perceber como habitante da linguagem, o homem rompe com o estado inicial da natureza, na qual estão inseridos os animais e os próprios homens ao nascerem, e ingressa no estado de cultura resultante da organização social e do partilhamento da vida em comum.

É especialmente em torno da linguagem que o pensamento, a consciência e a reflexão se articulam e possibilitam a organização do mundo pelos homens, tornando-os capazes de estabelecer uma relação de autonomia na sua própria vivência no mundo organizado. O homem, ao nomear as coisas e objetos, passou a ter o controle de praticamente tudo o que acontece ao seu redor, produzindo sua cultura, organizando e superando o desconhecido pelo desejo de conhecimento.

O ser humano, em toda sua vida, passa por várias transformações. Seu organismo se comporta como um sistema aberto em constante interação na tentativa de modificar, adaptar e se adaptar ao meio ambiente que o rodeia. Ao poder transmitir informações precisas sobre os seus estados mentais, o homem, progressivamente, desenvolveu sua autonomia, libertando-se dos seus instintos, ao mesmo tempo em que a vida social se tornava mais complexa e diversificada, nascendo assim, o sentimento e a consciência da individualidade. Para interagir com o mundo que o cerca e com seus semelhantes, ele lança mão dos vários canais disponíveis para se comunicar com o meio em que vive: Olhos, pele, mãos, língua e ouvidos são os recursos mais usados na recepção e emissão das mensagens transmitidas nas mais diversas situações de comunicação. A unidade de comunicação é a mensagem, e essa comunicação só é estabelecida quando uma ou mais informações são trocadas através de um emissor e um receptor. Segundo Barros (2004, p. 26),

O esquema da comunicação comporta um emissor e um receptor, divididos em duas ou mais caixas [...] que separam a codificação e a decodificação da emissão e da recepção propriamente ditas, um canal, isto é, um suporte material ou sensorial que

serve para a transmissão de mensagem de um ponto ao outro, e uma mensagem, resultante da codificação e entendida, no momento da transmissão, como uma sequência de sinais.

Assim, para haver comunicação, faz-se necessário um emissor, um receptor e uma mensagem, que é representada por um sistema de sinais passíveis de compreensão aos envolvidos nesse processo. Assim, a mensagem deve ser transmitida através de um código conhecido, para posteriormente ser decifrado pelo receptor, completando assim o processo de comunicação.

Os códigos de comunicação podem ser divididos em verbais e não-verbais. Ambas as categorias são tão largamente usadas por nós que não sabemos qual das duas é mais relevante para a comunicação humana. Costuma-se dizer que a linguagem falada é tão espontânea no homem que parece natural. Mas linguagem não-verbal, sendo muito mais antiga, porque herdada dos nossos antepassados primatas, está até mais arraigada ainda no homem (PEREIRA, 2001, p. 81).

Deste modo, a linguagem verbal compõe-se de palavras e frases. Esse código está presente quando se fala com alguém, quando se lê ou quando se escreve. Essa talvez seja a forma de comunicação mais presente na vida cotidiana; tornando-se imprescindível na socialização de ideias e pensamentos. A linguagem não-verbal é constituída por outros elementos em que não são utilizadas as palavras, a saber: gestos, tom de voz, imagem, postura corporal, etc. Diferente da verbal, a linguagem não-verbal parte do inconsciente de quem comunica, sendo muito mais natural e completa, pois é suficiente para compreender a mensagem.

As funções da linguagem

Para se obter uma comunicação eficaz, visando à compreensão de mensagens por parte dos interlocutores, se faz necessária uma linguagem adequada para cada situação enunciativa, visto que cada emissor, ao transmitir uma mensagem tem em vista um objetivo. Ao demonstrar sentimentos, expor dúvidas, passar alguma informação, ou qualquer outro objetivo, é necessário o uso de linguagens específicas que possa dar conta de cada um desses propósitos.

O grande precursor dos estudos sobre as funções da linguagem foi o psicólogo alemão Karl Buhler. Em seus estudos, ele determinou que haveriam três funções básicas na comunicação: a expressiva, a informativa e a estética. Posteriormente, o linguista russo Roman Jakobson acrescentou a essas mais três funções baseando-se nos seis elementos que constituem o processo comunicativo. Para Jakobson (1969, p. 123), estes fatores podem ser esquematizados da seguinte forma:

	Contexto	
Emissor	Mensagem	Receptor
	
	Canal	
	Código	

O autor afirma que cada um desses fatores corresponde uma determinada função de linguagem e que é praticamente impossível encontrar uma única função numa determinada mensagem:

A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (JAKOBSON, 1969, p. 123).

Assim, as funções da linguagem estabelecidas por Jakobson são:

- Função Emotiva ou “Expressiva” – centrada no emissor. Visa a transmissão de emoções e sentimentos relacionados ao sujeito da mensagem;
- Função Conativa – associa-se ao receptor da mensagem. Procura persuadi-lo, convencê-lo, no intuito de envolvê-lo com a mensagem.
- Função Referencial – Liga-se ao contexto da mensagem. Tendo como característica a transmissão de alguma informação.
- Função Fática – sua intenção é dar ênfase ao canal de comunicação, buscando verificar e fortalecer sua eficiência.
- Função Metalinguística – relaciona-se ao próprio código utilizado na mensagem. Caracteriza-se pela referência da linguagem a si mesma.
- Função Poética – Evidencia a forma da mensagem. Destaca-se a construção e organização do texto.

Podemos também esquematizar as funções da linguagem da seguinte forma:



Adiante, veremos essas funções envolvidas na dinâmica de comunicação dos chats.

As tecnologias da contemporaneidade e o surgimento de novos gêneros textuais

O fim do século XX ficou marcado pela aceleração do processo de globalização. A globalização tem sido foco de amplos estudos e discussões no que se referem às rápidas divulgações de informações, tanto social quanto técnica. Nesta perspectiva, afirma Soares (1997, p. 1) que

O maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século.

Na atualidade é perceptível uma dependência significante do homem em relação à máquina e à tecnologia. A cada dia o homem cede espaço para a construção de um sujeito coletivo que, aos poucos, toma o lugar das subjetividades e individualidades. Nessa direção, Ribeiro (2007, p. 85) afirma que nesse meio “o sujeito é o elo de uma teia de relações, formando um ecossistema, no qual, sozinho, não é ninguém. O indivíduo carrega em si um sistema aberto que deve propiciar um trabalho incessante e interativo”.

Uma das marcas da globalização é a rapidez com que as informações são processadas. Nesse processo, a informática, desde seu advento, tem sido responsável por esse avanço, garantido a melhoria da qualidade dos serviços disponíveis em vários campos do conhecimento. A rede mundial de computadores permite ao usuário o acesso a informações disponíveis a nível global. Desse modo, os indivíduos trocam, armazenam e obtêm informações atualizadas através da Internet.

A Internet, segundo Bernardes e Fernandes (2005, p. 121) “funciona como um provedor poderoso, que pode ser acessado a qualquer hora e de qualquer lugar. Como um imenso banco de dados on-line, a Internet disponibiliza para seus usuários uma verdadeira explosão de informações”.

Muitos estudiosos procuram, nas mais diferentes áreas de conhecimento, analisar os efeitos da tecnologia digital na vida contemporânea. O computador já faz parte do cotidiano das pessoas. Em

todos os lugares pode-se perceber a grande influência dessa nova tecnologia. Nessa perspectiva, Grinspun (1999, p. 19) assegura que “a tecnologia faz parte desse contexto não como algo de fora, mas como parte de um todo em que o homem cria, recria e se beneficia da sua própria realização e das demais colocadas na sociedade”.

Muitos pesquisadores e estudiosos, nas mais diferentes áreas de conhecimento, procuram identificar as consequências da tecnologia digital na sociedade. Pereira e Moura (2005, p. 81), nessa linha de pesquisa, salientam que

As mudanças que ocorrem na vida social, decorrentes das novas tecnologias da informação e da comunicação, produzem novas formas de viver, de se relacionar e de se comunicar, por conseguinte produzem novos estilos de língua que, numa relação dialética, refletem de uma forma imediata, sensível e ágil, a mudança social.

Nessa dinâmica, o computador, como instrumento cultural da contemporaneidade, revela-se como um novo contexto social de produção discursiva. Essa interação, mediada principalmente pela Internet, é dinâmica, permitindo o surgimento de novas formas de leitura e escrita, novas formas de linguagem e novos códigos.

Além da sofisticação e aprimoramento dos métodos de comunicação já existentes, afloram a cada dia novos gêneros textuais, tornando mais dinâmicas as possibilidades comunicativas e facilitando o acesso à informação de modo prático e objetivo. Entende-se por gêneros textuais, tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não, tanto na forma oral como na escrita; são caracterizados por funções específicas, constituindo-se como práticas sócio-histórico-comunicativas. Para Marcuschi (2002, p. 1): “Os gêneros são formas de organização social e expressões típicas da vida cultural [...], são textos nos mais diversos contextos de atividades sociais, que facilita as atividades comunicativas”. Os gêneros textuais são formas materializadas de atividades sociais criadas pelos seres humanos e são facilmente multiplicados, de acordo com as necessidades surgidas em cada época. É normal que, com o grande avanço tecnológico, principalmente na área da comunicação, surja um grande número de gêneros, atendendo às mais diversas propostas de comunicação em um mundo globalizado.

A cultura escrita desenvolvida ao longo do tempo consolidou gêneros como a carta, o conto, o bilhete, a notícia de jornal, o editorial e o artigo científico. Além desses textos que estão em circulação na nossa sociedade letrada, outros aparecem, e novas formas de interação são desenvolvidas. Segundo Costa (2005, p. 23),

A Internet oferece, portanto, uma variedade imensa de tipos de textos que podem ser lidos ou escritos/produzidos, ou seja, novos gêneros (hiper)textuais que estão presentes nesse novo espaço cultural, podem ser lidos ou construídos com os imensos recursos técnicos que o computador coloca à disposição. Páginas pessoais (*home-pages*),

sites, conversas em sala de bate-papo (*chats*), salas de discussão (*forums*), correios eletrônicos (*e-mails*), etc. são novos gêneros (hiper)textuais à disposição dos usuários.

Ribeiro (2007, p. 88) também acredita que

A máquina desafia aquele que a utiliza, fazendo com que o homem se reveja, mude sua postura e se eduque. Ao mesmo tempo, o homem, percebe a necessidade de criar e de ampliar o instrumento, buscando novas formas de trabalho que aumentem sua capacidade e sua possibilidade de se desenvolver. A técnica permite ao homem postar-se diante de uma situação de maneira flexível, analisando situações, aproveitando de maneira criativa os casos fortuitos, conferindo sentido a mensagens ambíguas, formulando ideias novas.

Os gêneros textuais atuam de diversas formas, sendo bastante flexíveis e moldados a partir da necessidade comunicativa de cada indivíduo e situações variadas. Atualmente, esses gêneros que estão surgindo são motivo de várias discussões, devido ao ambiente virtual em que estão inseridos e ao impacto que acarretam nas atividades sócio-comunicativas. Segundo Marcuschi (2002, p. 4), o impacto das tecnologias digitais na sociedade está apenas se fazendo sentir. Na Internet percebe-se uma grande liberdade de comunicação na troca de informações; além dos gêneros existentes, surgem novos que devem ser assimilados para uma maior troca de informações.

As mensagens veiculadas nesses novos gêneros textuais são produzidas nas mais diversas formas; cabe aos usuários refletirem e, principalmente, aderirem a esses novos meios de interação, transformando-os em letrados digitais. Segundo Soares (1997, p. 151), letramento digital define-se como: “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. Entendemos, pois que o processo de letramento digital se faz quando um indivíduo consegue realizar atividades comunicativas por meio do computador, de forma a transmitir informações fluentemente.

A seguir, vamos ver aspectos de um dos ambientes de comunicação através da rede de computadores.

O chat

O chat é um gênero digital utilizado na Internet para a comunicação escrita em tempo real. Trata-se de situações que implicam na presença de dois ou mais agentes na troca de informações. Segundo Santos (2007, p. 160):

A escrita [...] nos *chats* é marcada pela tentativa de reproduzir a forma como se pronunciam algumas palavras, sendo a escrita uma tentativa de representação de alguns aspectos da fala, respeitando-se elementos como saudação inicial e final,

sequência da conversa, lógica entre os conteúdos em pauta, coerência entre os tempos verbais etc.

Percebe-se que, o chat funciona como uma grande “sala virtual” onde pessoas trocam mensagens escritas, através de códigos linguísticos. Como afirma Marcuschi (2002, p. 1) “o chat é um gênero de natureza híbrida, pois funde oralidade e escrita em um mesmo suporte, a tela do computador”. Essa linguagem se aproxima bastante da oralidade, pois, como não se tem um contato maior entre os interlocutores, são utilizados recursos extralinguísticos para expressar emoções e sentimentos.

Diferentemente dos modos tradicionais (conversa face a face), o chat trata-se de um processo discursivo que se realiza unicamente através das ferramentas do computador. Bernardes e Vieira (2005, p. 46) explicam que esse processo se faz “via canal eletrônico mediado por um *software* específico”. Esse tipo de interação se realiza em tempo real, e se aproxima de uma conversa telefônica. Porém, essa conversa se dá de modo codificado, através de um “texto falado” por escrito, numa conversa com expressão gráfica. Acessar o chat implica na execução eficiente de vários procedimentos para completar o processo comunicativo.

Além dos conhecimentos técnicos, se faz necessário, para uma completa comunicação e interação entre os participantes do chat, os conhecimentos e capacidades extralinguísticas dos usuários. Na visão de Bernardes e Vieira (2005, p. 47):

Assim como na interação face a face, a interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exigem, além das habilidades técnicas [...], muito mais do que a simples habilidade linguística dos interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, fenômeno Chat também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários.

O chat apresenta uma nova articulação das linguagens oral e escrita que, concebidas como modos complementares de ver e compreender o mundo, certamente possibilita modos e formas diversas de produzirem sentidos, além de estabelecer relações entre os sujeitos nas situações de interação. Para suprir a ausência de recursos típicos de uma interação face a face (tom de voz, gestos, expressões faciais, etc), os interlocutores lançam mão de outros recursos que, além de expressarem sentimentos e emoções, cumprem funções de comunicação. O exemplo abaixo retrata bem a atuação desse novo gênero:

Esse tipo de linguagem, em alguns contextos, já ultrapassou os limites da Internet. Mensagens de celular e legendas de filmes são alguns exemplos mais comuns da propagação do “Internetês” fora do seu domínio.

Peculiaridades do “Internetês”

Na linguagem tradicional (oral), é frequente o uso de recursos extralinguísticos empregados numa conversa pelos falantes de uma determinada língua. Para Santos (2007, p. 161), “os gestos, a entonação da voz, a forma de olhar, enfim, todo o corpo entra no processo de dar sentido ao texto construído”. Na Internet, onde a linguagem se resume apenas em sinais gráficos, são várias as tentativas utilizadas pelos interlocutores para expressar as emoções e sentimentos por escrito, aliando rapidez e objetividade.

Os emoticons ou smileys são formas particulares que representam um estado emocional e são usados na tentativa de simular uma expressão facial. Segundo Santos (2007, p. 162), os emoticons “intensificam a expressão escrita, marcando suas emoções, dando a ela um alto grau de informalidade”. Além dos já oferecidos pelos programas, os usuários criam seus próprios emoticons, fazendo combinações variadas no teclado.

Exemplos mais comuns podem ser observados:

	:-) ou :)	Smiley feliz
	:d ou :-D	Smiley de boca aberta
	:-O ou :o	Smiley surpreso
	:-P ou :p	Smiley mostrando a língua
	:-(ou :(Smiley triste
	:-S ou :s	Smiley confuso
	:- ou :	Smiley decepcionado
	:'(Smiley chorando
	:-\$ ou :\$	Smiley envergonhado
	(h) ou (H)	Smiley sexy
	(a) ou (A)	Smiley angelical
	:-#	Smiley guardando segredo
	8o	Smiley mostrando os dentes
	8-	Smiley nerd
	^o)	Smiley sarcástico
	:-*	Smiley contando um segredo
	*-)	Smiley pensativo
	<:o)	Smiley festeiro
	-)	Smiley com sono

Figura 2 - Messenger Emoticons

Fonte: Programa Messenger do Windows Live Messenger em dezembro de 2009

Outro exemplo de representação das emoções, a partir do teclado, é o uso de onomatopeias. Essa figura de linguagem busca formar palavras que reproduza sons e ruídos variados. Segundo Santos (2007, p. 167):

Através das onomatopeias – alongando vogais e consoantes ou mesmo criando seqüências vocálicas e/ou consonantais, ou ambas – os usuários [...] conseguem causar nos interlocutores a sensação de como determinada palavra deve ser lida e que intenção elas carregam.

Dependendo do contexto, as expressões variam de significado. Apesar de não mudar a forma, essas expressões mudam sua intenção em função do lugar em que aparecem no bate-papo. O uso desse recurso tenta sensibilizar os interlocutores, compartilhando sensações; expressando estado de espírito; desfazendo mal-entendidos; fazendo repreensão; enfatizando ideias; seduzindo de forma delicada, dentre outros.

Percebe-se que as onomatopeias buscam, por serem visíveis e/ou bastante longas, chamar a atenção dos interlocutores. Esse fenômeno, muitas vezes ocupa linhas inteiras numa só seqüência nos diálogos, não levando em conta a praticidade; já que são demasiadamente longas.

<i>Kkkkkkkkkkkkkkk</i>	<i>Vc eh loko.....kkkkkkkkkkkkkk !!!!!!!!!!!!!</i>
<i>Abhhbb</i>	<i>Abhhbbh Cbegaaaaa !!!!</i>
<i>Bummmmm</i>	<i>Bummmmm!!! Que babadooooo Guete!!!!</i>
<i>Xiiiii</i>	<i>Xiiiii.... a koisa fivov feaaaaaa!!!nanaananananan!!!!</i>
<i>Hummm</i>	<i>Hummmmm q deliçaaaaa mano!!!!</i>
<i>Rrtrtrtrtrtrtrtr</i>	<i>Rrtrtr ... rrtrtr.. q friooooo kera!!!!</i>

Figura 3 – Onomatopéias

Fonte: Exemplos extraídos de conversas variadas no MSN em dezembro de 2009

A redução da extensão de palavras ou expressões completamente abreviadas são também frequentemente utilizada pelos usuários do “Internetês”. Pereira e Moura (2005), percebem que esse tipo de linguagem não é exclusivo dos internautas das salas de bate-papo, mas os mesmos as utilizam através de uma combinação implícita. As abreviações são feitas através do uso das primeiras letras das sílabas das palavras ou expressões, frequentemente por uma consoante:

Vc (Você)	Hummm ...vc eh muito boaaaaa...!!!!
Qd (Quando)	Psiuuu gatinhaaaa!!! Qd nus Vremuuss?????
Pq (Por que)	Pq naum xegow na ora q te faleyyy???
Bjos (Beijos)	Bjos do sew adooo!!!
FDS (Final de semana)	Um bom FDS pra Vc...!!!!!!
TDB (Tudo de bom)	Ahhh Girlllvc eh TDB!!!!!!
Tbm (Também)	Tbm vai pra Prefaaaass guetteeeee?????
Blz (Beleza)	Tudo Blz kraaaa?????
Mto (muito)	Te doroo mto.... !!!!!

Figura 4 – Reduções e abreviaturas

Fonte: Exemplos extraídos de conversas variadas no MSN em dezembro de 2009

Muitas são as críticas relacionadas a essa nova escrita. Existem, porém, autores que defendem o uso do “Internetês” em determinados contextos, principalmente sua utilização entre os jovens pela Internet, através dos chats e outros meios de interação informais. Segundo Santos (2007, p. 177):

[...] em um *chat* o erro estaria em escrever afinado demais com as normas gramaticais. A necessidade de velocidade, de irreverência, de construção de um estilo próprio e da constituição de um grupo determina a norma nesse gênero. E a norma é: cortar palavras, usar abreviaturas, *emoticons*, onomatopeias, gírias e pontuações expressivas procurando todos os recursos capazes de tornar a comunicação algo bem informal.

Essa conversa “escrita-teclada” é produzida de forma a tornar o discurso atraente, interessante e dinâmico para os interlocutores. A preocupação fundamental é manter o contato. Para Coscarelli (2002, p. 68), o texto continua sendo instância enunciativa, o que muda são as formas de manifestação dos textos. Para Koch (2003) o texto é toda manifestação linguística a qual se pode atribuir sentido. Ele é resultado de ações com a finalidade de alcançar um fim social comunicativo. Portanto, o “Internetês”, ao conseguir transmitir informações carregadas de sentido, passíveis de decodificação aos seus usuários, é também um exemplo de texto e deve ser entendido como tal.

O “Internetês” e o funcionalismo

Analisando as funções da linguagem segundo o esquema de Jakobson (1969), anteriormente apresentado, podemos perceber que a linguagem utilizada pelos internautas consegue transmitir informações como em qualquer outro texto. O “Internetês”, como qualquer outra linguagem, manifesta as intenções enunciativas do interlocutor. As funções da linguagem estão claramente dispostas nos “bate-papos” entre os interlocutores dos chats:

19:51) **Markus**: oi mô ... como tu tah? 😊
 (19:54) **Mônica**: hummm ... to boa naum 😞
 (19:57) **Markus**: pq monica???
 (19:58) **Mônica**: ahhh eu me sinto taum triste ... estou com saudades d vc
 (19:59) **Markus**: mas vo voltah loguinho, rapidex Love
 (20:02) **Mônica**: pois eh ... kria vc aki... sem vc fico deprê...
 (20:03) **Markus**: fika assim naum gatinha... te dolo 😞

Figura 8 – Funções da linguagem
 Fonte: Diálogo Markus-Mônica MSN em dezembro de 2009

A função emotiva pode ser percebida neste trecho quando o emissor expressa seus sentimentos e emoções utilizando a primeira pessoa do singular (eu). Outra característica da função emotiva retratada é a presença de *smileys*, que representam através de ícones o estado emocional do emissor.

(11:01:53) anjobandido :)	> Poxaaaa!!! Keria te Konhecerrrrr....
(11:02:03) Hgatinha_16	> Poizé, vc tem ada?
(11:02:34) anjobandido :)	> Naum... tou a procura de uma girl... se abilita???
(11:03:05) Hgatinha_16	> Hummm, serah q vale a pena????
(11:03:50) anjobandido :)	> Ahhh... s foce vc pagaria pra ver... rrsrrsrrsrrs
(11:04:10) Hgatinha_16	> kkkkkk ... vc eh msm konvicente!!!!
(11:04:42) anjobandido :)	> Iaiiii ... rola???
(11:05:13) Hgatinha_16	> Axo q simmmmm!

Figura 9 – Emprego da função emotiva

Fonte: Conversa anjobandido-Hgatinha_16 – MSN em dezembro de 2009

Neste trecho, o que se nota é a intenção por parte de um dos interlocutores de convencer, persuadir e influenciar. O uso da segunda pessoa do discurso (você) e a presença de argumentos (s foce vc pagaria pra ver) são características da função conativa.

A função fática é centrada no canal de comunicação. O emissor procura chamar a atenção para o canal. Um recurso disponível do MSN muito utilizado nas conversas é o recurso “chamar atenção”, onde o emissor clica no ícone desejado e a tela de conversa do receptor se abre, passando a impressão de tremor da tela, fazendo com que o emissor tente estabelecer um novo contato:

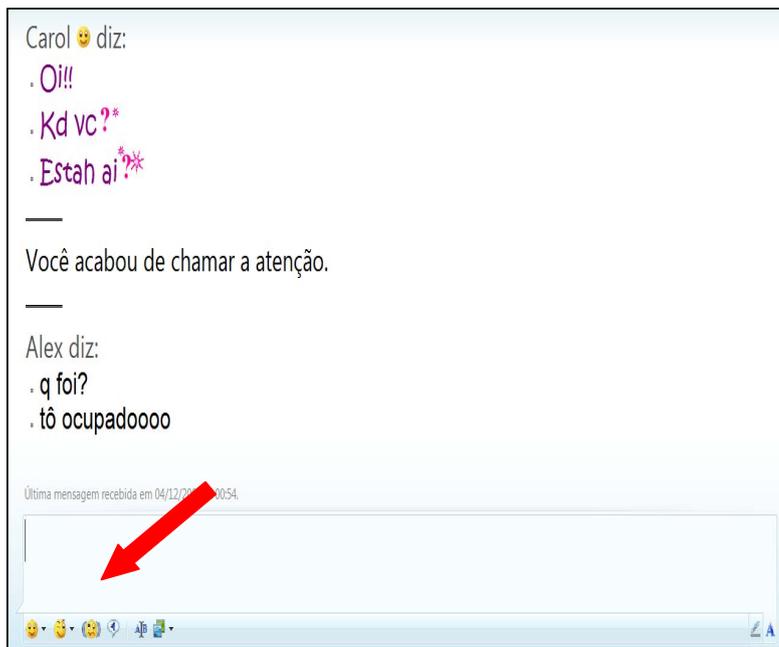


Figura 10 - Função Fática

Fonte: Conversa Carol-Alex – MSN em dezembro de 2009

A função poética pode ser percebida na utilização dos scripts onde, a construção da mensagem é posta em destaque. Essa função chama a atenção para o modo como a mesma foi organizada:

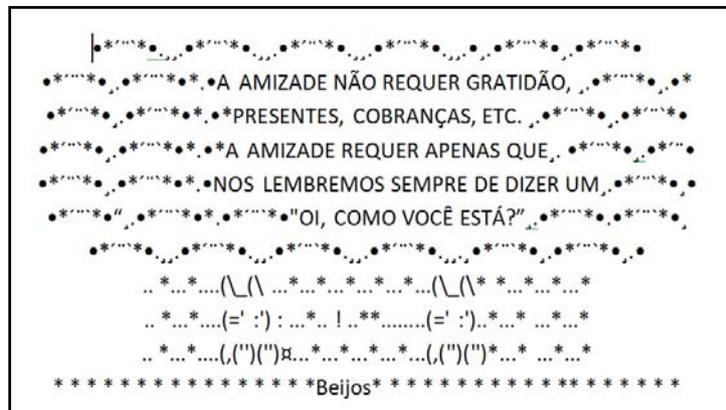


Figura 11- Função poética

Fonte: <http://www.pisaleve.com/DesenhoOrkutCaracter.html> em dezembro de 2009

Considerações finais

Com esse trabalho, nos propusemos a analisar e compreender o “Internetês” no ambiente do chat, realizando uma abordagem funcionalista, buscando identificar as funções da linguagem presentes nesse ambiente virtual. Deste modo, fez-se necessária uma análise histórica, compreendendo as mudanças ocorridas na linguagem e nos meios de comunicação ao longo dos tempos e entendendo esse fenômeno (“Internetês”) como parte de um processo que está ligado à formação e à construção do sujeito como produto do meio no qual está inserido.

Essa linguagem, de acordo com os estudos, preza pela agilidade e velocidade de informações, buscando um novo meio de interação. A formação de palavras na era digital envolve uma série de aspectos, em meio a eles: codificações, neologismos, escrita com traços orais, entre outros.

Pudemos constatar que o “Internetês” apresenta funções como qualquer outro tipo de texto e se constitui uma das inúmeras formas de linguagem, capaz de imprimir todas as intenções dos interlocutores envolvidos, como emoções, sentimentos, informações, desejos etc.

Essa linguagem faz parte do mundo contemporâneo, onde a velocidade das informações é imprescindível. As línguas vivem, são flexíveis e têm como principal característica a renovação, se adequando de acordo com as necessidades de cada época e sociedade distintas. O “Internetês” é apenas uma constatação de que a Língua está sempre em transformação, em evolução constante. Cabe nos despojar de medos e do preconceito linguístico e admitir que essa nova forma de comunicação já possui

seu lugar no mundo moderno e, de forma alguma, ameaça a estrutura da língua. Quando muito, poderá, com o tempo, imprimir algumas variações e mudanças linguísticas, o que é, aliás, inevitável.

THE FUNCTIONS OF LANGUAGE IN CH@TS: THE “INTERNETÊS” FUNCTIONAL APPROACH

ABSTRACT:

For a long time the communication has experienced a great process of evolution, which provides a large exchange between individuals. Today, great advances came about mainly due to information technology. Through these innovations new genres of texts come up at every moment to supply their communicative needs. It demands that we become updated and follow these changes, as well as we join to the process of digital literacy. Blogs, websites, chat rooms, forums, e-mails, among others, are the newest ways to interact with the contemporary world. The language used in these types of genres is known as *Internetês*. It is characterized by containing the codes and it is widely used by young people, who search for to innovating their ways of communication. So, this paper aims to analyze and understand the environment of Internet chat. Through a functionalist approach, we aim to identify and interpret the functions of language present in this environment of virtual communication.

KEYWORDS: Chat. Communication. Functionalism. Textual genres. “Internetês”.

Referências

ARRUDA, Luciana. *Linguagem: até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?* Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=199&rv=Literatura>>. Consulta em: 15 jan. 2010.

BARROS, Diana Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIM, José Luis. *Introdução à linguística: objetos teóricos*. Livro 1. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BERNARDES, Alessandra Sexto; FERNANDES, Olívia Paiva. A pesquisa escolar em tempos de Internet In: ASSUNÇÃO, Maria Teresa de; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____; VIEIRA, Paula M. Teixeira. O chat como produção de linguagem. In: ASSUNÇÃO, Maria Teresa de; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Arménio Amado, 1965.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In: ASSUNÇÃO, Maria Teresa de; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet In: ASSUNÇÃO, Maria Teresa de; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (Org.). *Educação tecnológica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1999.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cifra>>. Acesso em: 1º mar. 2010.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCONATO, S. A revolução do internetês. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo: Editora Segmento, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>>. Acesso em: 17 maio 2008.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. 2002. Disponível em: <<http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/>>. Acesso em: 14 dez. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOVELLI, Ana Lúcia C. R. *A questão humana: reflexões sobre a fala e o trabalho*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/gtco/novelli.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2008.

PEREIRA, Ana Maria M. S.; MOURA, Mirtes Zoé da Silva. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características pessoais. In: ASSUNÇÃO, Maria Teresa de; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, José Haroldo. *Curso básico de teoria da comunicação*. Rio de Janeiro: Quartet: UniverCidade, 2001.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *LETRAMENTO DIGITAL: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Else Martins dos. Chat: E agora? Novas Regras – Nova Escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *LETRAMENTO DIGITAL: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética *Revista Contracampo*, Niterói: UFF, n. 1, jul. dez. 1997. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>. Acesso em: 5 maio 2008.

SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VELLOSO, Fernando de Castro. *Informática: conceitos básicos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Recebido em 08/03/2010
Aprovado em 27/03/2010